

Câmara Municipal de São Paulo

PDL 77/07

JUSTIFICATIVA

João Gavioli, de 59 anos, é paulista de Taquaritinga, na região de Araraquara – cidade distante 333 quilômetros da Capital Paulista. Os avós paternos, natural da Calábria, na Itália, seguiram os passos de milhares de imigrantes italianos que escolheram o Brasil para recomeçar uma nova vida. A opção dos Gavioli foi pelo interior paulista, onde se dedicaram à agricultura, trabalhando como lavradores.

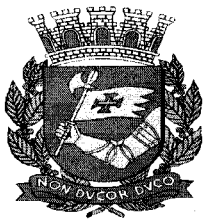
Com 1 ano de idade, João Gavioli, acompanhado das irmãs Ivani e Ivone e os pais Reinaldo Gavioli e Catarina Lorando Gavioli, migrou-se para a cidade de São Paulo, mais especificamente para o bairro da Água Branca. Posteriormente, já com 6 anos, João Gavioli mudou-se para a rua Catão, no bairro da Lapa, também na Zona Oeste da metrópole paulistana. Sua infância e adolescência estão ligadas ao bairro, onde estudou e jogou bola (começou com 15 anos no XV de Novembro da Lapa) e passou a freqüentar o Parque Antártica.

Hoje, aposentado na profissão de técnico industrial (projetista), João Gavioli é casado com Maria José Manente Gavioli e pai de João Paulo Gavioli, de 26 anos, formado em administração de empresas. João Gavioli dedica o seu tempo à Sociedade Esportiva Palmeiras, onde é, desde 1981, diretor do departamento de esportes não profissionais, além de ser conselheiro benemérito e vitalício do clube.

João Gavioli tem duas paixões: a cidade de São Paulo e o Palmeiras. Para ele, as duas estão interligadas, pois o Palmeiras é parte da cidade de São Paulo. E ter o Palmeiras em sua vida era algo predestinado. Isso porque, além de ser filho de italianos, foi morar na Lapa, um bairro tradicionalmente habitado pela colônia italiana, e região onde está instalado o clube – o estádio do Palestra Itália, incluindo o terreno do anexo social, foi comprado em 1920 por 500 contos de réis.

De torcedor e, posteriormente, diretor há quase três décadas, o Palmeiras passou a ser a segunda casa de João Gavioli. Só deixa o clube, diariamente, por volta das 22h30, após mais uma missão cumprida. Sábado e domingo também fazem parte da rotina de João Gavioli. É um trabalho que faz de coração, sem qualquer remuneração.

A preocupação de João Gavioli é oferecer o melhor para os 15 mil associados titulares (o número de freqüentadores chega a 30 mil.), pois os considera como uma família. O departamento, sob a direção de Gavioli, oferece prática de arco e flecha, aikidô, bocha, futebol de mesa, ginástica olímpica, tênis de mesa, basquete, hóquei, judô, karatê, futsal, society, levantamento de peso, esgrima, entre outros. Para administrar esse patrimônio, o Palmeiras mantém 500 funcionários.



Câmara Municipal de São Paulo

A filosofia de trabalho traçada por Gavioli junto aos sócios do Palmeiras é realizada dentro de uma tradição de respeito pelas pessoas. Trabalho que vem rendendo frutos, pois é crescente o número de associados anualmente. Gavioli, em sua modéstia, diz que apenas mantém uma tradição adotada pelo Palmeiras desde a sua fundação em 26 de agosto de 1914 – o clube foi fundado por italianos, principalmente funcionários das Indústrias Reunidas Matarazzo, com o intuito de unir todos os italianos sob uma única bandeira. A primeira partida de sua história foi em 1916, quando venceu a equipe do Savóia, em Votorantim, por 2 X 0, ganhando o primeiro troféu (Taça Savóia).

Amigos e dirigentes de João Gavioli enfatizam sua dedicação obstinada pelo Palmeiras. Enaltecem também o carinho que ele tem pelos associados, oferecendo a eles um espaço de vida dentro da cidade de São Paulo. O que Gavioli faz pelo Palmeiras, segundo amigos, é como se estivesse fazendo pela cidade de São Paulo, que ele adora. Para João Gavioli, São Paulo é tudo, é um coração que não pára de palpitar. Ele faz questão de explicitar que não conseguiria viver em outro lugar e que não tem como expressar o orgulho que sente por essa metrópole. Além do mais, viver longe do Palmeiras, jamais.

O entrelaçamento entre o Palmeiras e a cidade é uma constante na vida de Gavioli. Tanto é que ele considera alguns jogadores que passaram pelo Palmeiras como patrimônio de São Paulo. Por exemplo: Ademir da Guia e César Maluco (que hoje são torcedores e sócios do clube) e lembra com carinho do goleiro Marcos, Evair, César Sampaio, Djalminha, dentre outros. Seu maior orgulho é ter jogado ao lado de Ademir da Guia, Dudu e César Maluco durante uma partida de ex-jogadores contra a Parmalat, na época patrocinadora do clube.

Outra coisa que Gavioli nunca esquece é o resultado do primeiro confronto entre o Palmeiras e o seu tradicional rival, o Sport Club Corinthians Paulista, ocorrido em 1917. Vitória do Palmeiras por 3 X 0, com três gols de Caetano Izzo. Entre os quase 7 mil troféus, o diretor palmeirense sorri e diz: “Isso é a minha vida e a de muitos paulistanos, pois o Palmeiras é parte integrante desta cidade maravilhosa”.

Por esse amor ao Palmeiras e a cidade de São Paulo, João Gavioli é merecedor do título de “Cidadão Paulistano, pois além de transformar o Palmeiras numa família de cerca de 30 mil integrantes e oferecer 500 postos de trabalho, seria uma forma de homenagear a Sociedade Esportiva Palmeiras, que completa (ou) 93 anos em 26 de agosto de 2007. Também seria uma forma de conceder na pessoa de João Gavioli o reconhecimento da importância da colônia italiana para o progresso da cidade de São Paulo, principalmente na área industrial, na cultural, na gastronomia e no esporte. E como ele gosta de frisar: “Foram os meus avós e os meus pais que me ensinaram a gostar do Palmeiras e da cidade de São Paulo”.